

Encontro sobre a não-violência na Casa da Cultura de Paranhos – Porto

Textos de apoio

Texto 1:

A violência é uma metodologia de ação.

No Dicionário do Novo Humanismo, Silo define a violência da seguinte forma: “(...) É o mais simples, frequente e eficaz modo de manter o poder e a supremacia, impor a própria vontade a outros, usurpar o poder, a propriedade e até as vidas alheias...”; e mais adiante expressa: “(...) A violência penetrou em todos os aspectos da vida: manifesta-se constante e quotidianamente na economia (exploração do homem pelo homem, coação do Estado, dependência material, discriminação do trabalho da mulher, trabalho infantil, imposições injustas, etc.), na política (o domínio de um ou vários partidos, o poder do chefe, o totalitarismo, a exclusão dos cidadãos na tomada de decisões, a guerra, a revolução, a luta armada pelo poder, etc.), na ideologia (implantação de critérios oficiais, proibição do livre pensamento, subordinação dos meios de comunicação, manipulação da opinião pública, propaganda de conceitos de substrato violento e discriminador convenientes à elite governante, etc.), na religião (submissão dos interesses do indivíduo às exigências clericais, controlo severo do pensamento, proibição de outras crenças e perseguição de hereges), na família (exploração da mulher, imposição sobre os filhos, etc.), no ensino (autoritarismos de professores, castigos corporais, proibição de programas livres de ensino, etc.), no exército (voluntarismo de chefes, obediência irreflexiva de soldados, castigos, etc.), na cultura (censura, exclusão de correntes inovadoras, proibição de editar obras, ditames da burocracia, etc.).

Quando se fala de violência, geralmente faz-se alusão à violência física, por ser esta a expressão mais evidente da agressão corporal. Outras formas, como a violência económica, racial, religiosa, sexual, etc., às vezes podem atuar ocultando o seu carácter, desembocando, em suma, no avassalamento da intenção e da liberdade humanas. Quando estas se evidenciam, são exercidas também por coação física.”

No nosso quotidiano, podemos reconhecer que a maioria dessas formas de violência mencionadas é exercida de forma encoberta, por isso dificilmente são identificadas pelas populações como tal.

Observamos que todos os factos de violência física encontram a sua origem nessas outras formas de violência. Sem dúvida, essas são o germen que acaba por disparar respostas de violência física.

A) Reflexão individual sobre a violência que se sofreu ou se sofre quotidianamente e sobre a violência que se exerceu ou exerce sobre outros.

B) Intercâmbio em conjunto ou em grupos sobre o ponto A).

Texto 2:

A não-violência como metodologia de ação pessoal e social promove ações concretas a fim de criar consciência sobre o problema da violência, das suas verdadeiras raízes, das suas diferentes formas de manifestação, como violência física, racial, econômica, religiosa, psicológica e moral, ao mesmo tempo que impulsiona ações exemplares que tendem a erradicar as práticas violentas da face da Terra.

Algumas das suas principais ferramentas de ação pessoal e social são:

- A rejeição e o vazio diante das diversas formas de discriminação e violência.
- A não-colaboração com as práticas violentas.
- A denúncia de todos os atos de discriminação e violência.
- A desobediência civil face à violência institucionalizada.
- A organização e a mobilização social com base no trabalho voluntário e na ação solidária de quem a impulsiona.
- O desenvolvimento das virtudes pessoais e das melhores e mais profundas aspirações humanas.

A não-violência organizada, unida e mobilizada constitui a única força capaz de modificar a direção violenta e desumana dos perigosos acontecimentos no mundo atual.

Temos o direito de viver sem violência, sem padecer e sem que outros a padeçam para alcançar o ideal de paz.

Isso requer uma ação combinada da comunidade internacional, de cada governo, de cada povo e de cada pessoa. Silo indicou, nesse sentido, a ação que cabe a cada um:

“É preciso fazer algo, dizem em todos os lados. Pois bem, eu direi o que é preciso fazer.

Eu digo que, ao nível internacional, todos os que estão a invadir territórios deveriam retirar-se de imediato e acatar as resoluções e recomendações das Nações Unidas.

Digo que, ao nível interno das nações, dever-se-ia trabalhar para fazer a lei e a justiça funcionarem, por mais imperfeitas que sejam, antes de endurecer leis e disposições repressivas que cairão nas mesmas mãos dos que entorpecem a lei e a justiça.

Digo que, ao nível doméstico, as pessoas deveriam cumprir o que predicam, abandonando a sua retórica hipócrita que envenena as novas gerações.

Digo que, ao nível pessoal, cada um deveria esforçar-se para fazer coincidir o que pensa com o que sente e o que faz, modelando uma vida coerente e escapando da contradição que gera violência.” (Punta de Vacas, 4 de maio de 2004).

C) Intercâmbio em grupos ou em conjunto sobre a experiência de cada um e sobre como se pode utilizar as ferramentas da não-violência para produzir transformações nos diferentes âmbitos: pessoal, de relação, local, nacional, internacional.